

## MARINETTI EM SÃO PAULO

MÁRIO DA SILVA BRITO

Como se sabe, o Manifesto Futurista, de Filippo Tommaso Marinetti, é de fevereiro de 1909. A ele se seguiram outros, datados respectivamente de 1912 e de 1922, afora alguns mais, referentes à música, escultura, teatro e pintura. As idéias renovadoras do italiano vieram para o Brasil por intermédio de Oswald de Andrade, conforme sua própria confissão, em 1912. Antes, porém, repercutiram pela imprensa os escandalosos saraus e conferências do seu iniciador em diferentes pontos europeus. Mas, em 1914, os novos propósitos estéticos já não causavam, na Europa, a primitiva bulha. É o que se depreende, aliás, do artigo do professor Ernesto Bertarelli, “As lições do futurismo”, estampado pelo *O Estado de S. Paulo*. Nessa página, irônica mas também compreensiva, o autor afirma crer “que um dia se dirá que o movimento futurista, apesar do arrebatamento das suas expressões, do brutal da sua forma, freqüentemente divulgada de maneira paradoxal, foi um movimento lógico e benéfico”. Entre nós, continuava a produzir, no entanto, rumor jornalístico e noticiário pitoresco. Em 1915, surge a revista *Orfeu*, órgão de cultura luso-brasileira, dirigida por Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho. Nela, entre outros nomes tutelares, aparece citado o nome de Marinetti. No ano seguinte, Oswald de Andrade já oferecia colaboração futurista para uma revista de São Paulo, conforme acusa Monteiro Lobato em carta a Godofredo Rangel, e Alberto de Oliveira, em discurso na Academia Brasileira de Letras, alude, entre inúmeras correntes literárias surgidas depois de 1895, a “os futuristas ou pactários com Marinetti”. São todas essas manifestações que ocorrem sem maior ressonância. A exposição de Anita Malfatti, realizada em 1917, põe em foco a palavra. Monteiro Lobato ocasiona histórica celeuma com o artigo mais tarde publicado, em livro, com o título de “Paranóia ou mistificação”. Aí começa, efetivamente, a vivência do futurismo entre nós. Vivência que se acentua em 1920 – inclusive com a divulgação de traduções de expoentes futuristas italianos – e que aumenta em

Mário da Silva Brito, Marinetti em São Paulo, in *Ângulo e horizonte* (de Oswald de Andrade à ficção científica), São Paulo, Livraria Martins Editora S. A., 1969, pp. 93-99.

1921, com a reprodução de inusitado poema de Mário de Andrade no corpo do artigo “O meu poeta futurista”, de Oswald de Andrade – poema que deu o que falar, provocou escândalo, aborreceu o escritor, e que inspirou gaiato soneto, em cujo final se conclui que Mário de Andrade

embora seja um poeta futurista,  
não é, por certo, um poeta futuroso

Pode-se dizer que esse artigo de Oswald de Andrade deu nova vitalidade à palavra *futurismo* e suas derivadas. Antes, é exato, o vocábulo já era conhecido, e provocara, mesmo, rumor e polêmica. Mas, agora, correspondia a uma realidade nossa, não mais dizia respeito a uma situação apenas estrangeira. Os jornais, a partir desse momento até o fim de 1922 – e especialmente durante a Semana de Arte Moderna e os meses mais próximos de sua realização – estão repletos da incômoda palavra e seu emprego obedece a uma linha caricatural, aparece em quadrinhos, sátiras, sonetos humorísticos, em zombarias de toda a sorte, enfim. *Futurismo* e *futurista* – são palavras aplicadas a torto e a direito e a tudo quanto destrilhe da normalidade. Até a política se vê invadida por elas.

Corruptelas e deformações padecem também as malsinadas palavras. Os espíritos conservadores dela se utilizam pejorativamente, procurando pôr em ridículo pessoas, coisas, atitudes e situações. Elas, agora, não se aplicam mais somente a pintores e escultores ousados, mas também a homens de letras, a jornalistas, a chefes políticos. Os jovens escritores de São Paulo, se bem teimem em declarar que não são futuristas, valem-se delas como um “cartel de desafio”, conforme proclamaria Menotti del Picchia em discurso num dos festivais da Semana de Arte Moderna. Essas palavras são críticas, distinguem, separam, dividem. Para uns, representam nomes que identificam uma situação nova. Para outros, já inevitavelmente apodados de passadistas, têm gosto de insulto, de doesto, até mesmo de baixo xingamento.

Enfim, o tempo passa e os novos vocábulos, já incorporados à dicção correnteia, já de domínio comum, vão perdendo a sua virulência. Os próprios modernistas se dividem, rumam em busca de novas afirmações, mais ligadas ao complexo social brasileiro, e rejeitam aqueles termos que, afinal, lhes valiam como ostentosa e gritante forma de oposição a um estado de coisas que pretendiam reformar. Na verdade, já haviam dado o brado de “Morra o Futurismo! O Futurismo é Passadismo!”. Brado de Ronald de Carvalho em 1924, ano em que Oswald de Andrade, doutra parte, lançava o Manifesto *Pau Brasil* pelas colunas do *Correio da Manhã* e preconizava uma poesia de exportação que substituísse a de importação. Surge, logo a seguir, o movimento “Verde-e-Amarelo”. Apenas os passadistas, agora, teimavam em dar vitalidade ao futurismo, a ele se referindo constantemente, aplicando-o a qualquer manifestação de espírito do primitivo grupo inovador e seus sequazes. O passadismo vive, então, de sua animosidade ao futurismo.

Mas a palavra futurismo ganha nova força quando vem a São Paulo Filippo Tommaso Marinetti, empresado por N. Viggiani para pronunciar conferências. Vem difundir as suas idéias estéticas, afirmam uns, ou surrupiar a bolsa da colônia

italiana para o fascismo de Mussolini, garantem outros. Marinetti é recebido irônica ou hostilmente pelos corifeus do modernismo – que é a palavra nova encontrada pelos ex-futuristas para a definição de si próprios. Cassiano Ricardo, antigo passadista, ora compondo o grupo *Verde-e-Amarelo*, considera a vinda de Marinetti retardatária e importuna. Afirma que o futurismo não interessa ao espírito brasileiro. Assinala que ele constitui um fenômeno completamente estranho para nós outros. “O que queremos, agora, é coisa muito diversa. Queremos ser arrogantes, dentro da nossa terra. Queremos falar um idioma que identifique as nossas aspirações. Rumo ao Brasil, como disse, ainda há pouco, o grande poeta de *Chuva de Pedra*. Estamos cansados de tutela européia. Nada de futurismo” – escreve. Menotti Del Picchia assevera que o Brasil não precisava do futurismo porque éramos o país do futuro. O que devera ter sido destruído no Brasil, já o fora e eram, precisamente, as idéias importadas. Antônio de Alcântara Machado, de outra facção modernista, também o repudia, achando que Marinetti faria melhor se ficasse lá na Itália. “Ela é que precisa de sua atividade renovadora. Nós não. O que nós precisamos com certeza é fechar as portas às manifestações injustamente batizadas de artísticas (são mercantis e mais nada) que a sua terra, entre outras também da Europa, vive nos mandando. Isso sim que é necessário” – lembra em artigo no *Jornal do Comércio*. Mário de Andrade recusou-se a saudá-lo e, na sua opinião, “esse carcamaço veio fazer a gente perder quase metade do caminho andado”.

Na noite de 24 de maio de 1926, está programada a conferência de Marinetti no Teatro Cassino Antártica, situado na Rua Anhangabaú.<sup>2</sup> A entrada custa dez mil réis, mas, consta, chegou a ser vendida de quinze a vinte mil réis no câmbio negro. Tal é a afluência que a casa está fortemente policiada. Nas imediações os cavalarianos trotam e às vezes investem sobre uma população amotinada. Na verdade, há uma manifestação de desagrado, de hostilidade, preparada contra o conferencista. Os estudantes de São Paulo haviam sido arregimentados. Lembrou-me mesmo de meu irmão, com outros seus colegas da Escola de Farmácia, preparando, em nossa casa, bombinhas de gás sulfúrico, que estourariam no recinto do Cassino. A opinião pública está, pois, prevenida e o protesto fundamenta-se em dois motivos: as idéias estéticas de Marinetti e a sua ligação ao fascismo, de que é arauto. Circulam, pela cidade, quadrinhas contra ele. Esta, por exemplo:

Ai, Marinetti  
Se eu fora como tu  
Faria conferências  
Montado num bambu.

Fizeram-se cantiguinhas, assim:

Maria, Maria  
Maria, Marinetti,  
Teu pai como feijão.  
Tua mãe come espagete.

<sup>2</sup> Para a elaboração deste trabalho, valeu-se o autor de diversas fontes, cabendo destacar no entanto, o folheto *Marinetti*, de Lauro Montanari, raridade bibliográfica cujo empréstimo muito agradece ao Sr. Laurindo de Brito.

Com a música de *Gigolette*, muito em voga na ocasião, os estudantes, arrebanhados para a bagunça e por ela empolgados no decorrer da noite, cantarolam das galerias, e em breve acompanhados de todo o público:

Oh! Marinetti,  
Oh! Marinetti,  
Poeta futurista nem que chova canivete!

Moacir Chagas, um dos orientadores do motim e acérrimo inimigo dos modernistas de São Paulo, profere como *ouverture*, discurso “sob o clamor irrefreável da multidão ululante e eletrizada” – as mil e quinhentas pessoas que ali se comprimiam. Nessa arenga chama Marinetti de “Apóstolo falso de uma falsa aristocracia intelectual”, de “D. Quixote em edição barata”, de irresponsável, poltrão, covarde e traidor, de “mensageiro daqueles que prostituíram a inteligência e mercantilizaram a pena”, de “Messias a *prezzo di moneta*”. De tal forma se maltratou e agrediu o visitante que, a certa altura, o próprio Moacir Chagas berrava à multidão, suplicando-lhe, “por piedade” e em “nome do Passadismo”, que ouvisse o conferencista. Laurindo de Brito, também antifuturista, foi outro que tentou obter silêncio para Marinetti. Mas a essa altura, ninguém mais dominava a anarquia desenfreada e até estúpida. As vaias atingiam inclusive os opositores do visitante.

Quando Marinetti entra no palco, é recebido por assobios, gritos, apupos, apitos, urros e berros. Buzinas fonfonam e gaitas e cornetas tocam. De repente, estouram bombas na sala. O poeta italiano, que se mantivera impassível, comenta ironicamente, aproveitando um minuto de silêncio: “Estive em Carso. Lá as bombas eram verdadeiras!...”. Em dado momento, jogam-lhe batatas, bananas, nabos, cenouras, rabanetes, cebolas, “até melancia lhe atiraram”, espanta-se o *Correio Paulistano*. Eram os “legumes em liberdade”, consoante zomba a *Folha da Noite*. A esses presentes, Marinetti agradece, dizendo: “Vê-se que São Paulo é um Estado rico”. Ovos podres, cadeiras, grades, pedaços de madeira e bexigas d’água também são arremessados.

Estouram bombas de parede e ampolas de sulfureto de amônia e valeriana. Há pequenas brigas entre o público e estalam tabefes aqui e ali. A presença dos futuristas de São Paulo – notadamente de Mário e Oswald de Andrade, de Menotti Del Picchia, de Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado – é reclamada.

Numa pausa, Marinetti consegue dizer: “Podeis vaiar. Eu fico imperturbável. Vaiais aquilo que não ouvistes, A vaia não pode ser contra mim, que nada disse. Há de ser, naturalmente, contra vós mesmos!”. Não adianta também o seu apelo à mocidade, que deve estar ao lado das novas idéias, força do futuro que é. Numa tentativa de apaziguar o raivoso “Oceano Atlântico” – que foi como o criador do futurismo definiu a multidão do Cassino – trazem para o palco a esposa do poeta – dona Benedetta Marinetti – que desafia os apupos “com a superioridade de sua graça”. A vaia, nem mesmo assim, esmorece. “Atiraram ao palco um níquel, irreverentemente” – escreve um repórter. O ambiente ainda é de “urros, apupos, assobios, assopros, fungos, guinchos, roncões, gargalhadas, silvos, casquinadas, a escala completa das onomatopéias”. Vasto cartaz é exposto no palco com estas

inscrições: “Pede-se aos estudantes o favor de guardarem um momento de atenção”. Inútil pedido. A azoada continua. Finalmente, Marinetti desiste da palestra, declarando que ainda esperava fazer-se ouvir em São Paulo, por uma assistência menor, mais tolerante ou menos contrária às suas idéias. E altivamente diz, cabeça erguida para as galerias: “O futurismo tem a consciência de trazer em si o cérebro do mundo!” – e assim deixa o palco.

Marinetti vivera cerca de duas horas e meia de delírio e confusão e praticamente não falara. Na verdade, a sua conferência não houve... Tinha recebido uma das mais notáveis assuadas de sua vida, mas suportou-a com espírito... futurista. No dia seguinte, a imprensa de São Paulo e a italo-paulista noticiou o episódio, quase sempre com abundância de pormenores. Muitos jornais lamentariam a atitude popular, em desacordo com a tradicional hospitalidade do país e violentadora do elementar respeito à liberdade de pensamento.

Depois o tempo correu – e Marinetti ficou esquecido. Sua frustrada conferência foi para os arquivos, para a memória das gentes. Virou anedota, um momento pitoresco da vida paulistana. Outros fatos, nacionais e estrangeiros, abafaram as zangas e desentendimentos, que foram substituídos por outros conflitos – mais sérios, mais terríveis para o destino do homem. Houve revoluções, desinteligências internacionais violentas, quedas de governo, inclusive o do Brasil. Certo dia, porém, os jornais de São Paulo noticiaram, novamente, a presença de Marinetti. Era durante a Campanha da Abissínia, a guerra de Mussolini aos desvalidos negros da Etiópia. O palco foi, de novo, o do Teatro Cassino Antártica, outra vez cheio à cunha. Marinetti entra em cena, de terno oliva, fortemente acinturado. Recebido por entusiástica ovação, leva as mãos aos quadris, dobra o corpo para a frente, numa gargalhada estudada, reassume a postura normal e diz: “Que diferença da outra vez! Antes foi a vaia. Agora são as palmas!”. E riu-se a valer, sob os brados de *anauê* dos integralistas, de braço direito estendido saudando o líder fascista, que vinha narrar os “grandes” feitos italianos contra o povo do Negus. Marinetti tirava a sua forra, vingava-se e ria, afrontosamente, da sua atual platéia.

Hoje, em vista do passado da palavra, das incompreensões que provocou, os dicionários definem *futurismo*, por extensão e depreciativamente, como “qualquer forma extravagante de arte”. É assim, realmente, que a palavra circula na língua de todo dia. “Olha uma casa futurista! Veja, é um quadro futurista!” Quase sempre não é, se se obedecer ao rigor dos postulados estéticos. Mas, quem diz que *não* à força da semântica?

## BIBLIOTECA